

Joanna Drzazgowska
Uniwersytet Gdański
juanna@poczta.onet.pl

Construções perifrásticas portuguesas *dever* + *infinitivo* e *ter de/que* + *infinitivo* – um problema didático

Resumo:

O presente artigo é uma tentativa de apontar quais são os problemas no ensino e na aprendizagem de duas construções perifrásticas de modalidade da língua portuguesa: *ter de* + *infinitivo* e *dever* + *infinitivo*. A questão em causa está relacionada com a polissemia da perífrase com *dever* e a suposta sinonímia, em alguns contextos, de ambas as perífrases.

Palavras-chave: modalidade, perífrase verbal, sinonímia, polissemia.

Abstract:

Portuguese Verbal Periphrasis with *Dever* as a Teaching Problem

This article attempts to highlight the problems in teaching and learning of two Portuguese periphrastic modal constructions. The aforementioned problem is related to polysemy of periphrases with *dever* and supposed synonymy in specific contexts of those periphrases.

Keywords: modality, verbal periphrasis, synonymy, polysemy.

As construções perifrásticas são uma estratégia muito frequente que a língua portuguesa tem ao seu dispor. É um meio muito rico de expressar diferentes valores aspetuais, temporais e modais.

O objetivo do presente artigo consiste na discussão sobre os maiores problemas no âmbito de ensino de duas construções perifrásticas portuguesas de modalidade *dever + infinitivo* e *ter de/que + infinitivo*. Não é, portanto, nossa intenção caracterizar de forma exaustiva todos os valores que podem ser expressos pelas perífrases em causa. Cingir-nos-emos aos aspetos cuja análise permita um melhor entendimento das construções mencionadas e que, eventualmente, facilite a sua aprendizagem.

Vejamos, em primeiro lugar, as referências às perífrases e aos valores que estas podem exprimir em algumas gramáticas da língua portuguesa. *Ter de/que*¹, segundo a opinião de diferentes autores, é um meio de expressão de:

1. **necessidade** (Brandão, 1963: 533; Vázquez Cuesta, Mendes da Luz, 1980: 429; Bechara, 2001: 232; Mateus *et al.*, 2003: 249)
2. **obrigação (obrigatoriedade)** (Brandão, *ibidem*; Mattoso Câmara Jr., 1979: 170; Vázquez Cuesta, Mendes da Luz, *ibidem*; Cunha, Cintra, 1998: 393; Bechara, *ibidem*; Mateus *et al.*, *ibidem*)
3. **dever** (Brandão, *ibidem*; Bechara, *ibidem*)
4. **firme propósito de realizar um facto** (Cunha, Cintra, *ibidem*)
5. **compulsão** (Mattoso Câmara Jr., *ibidem*)
6. **probabilidade** (em alguns contextos) (Mateus *et al.*, *ibidem*)

¹ É preciso referir-mo-nos à questão do conector na perífrase com o auxiliar *ter*. *Ter* é seguido da preposição *de* nas gramáticas de Mateus *et al.* (2003), Brandão (1963), Cunha e Cintra (1998), Bechara (2001) e de *que* no trabalhos de Vázquez Cuesta e Mendes da Luz (1980), Mattoso Câmara Jr. (1979). A única análise que conseguimos encontrar em que o autor diferencia *ter de* de *ter que*, devido ao seu valor, é a de Dietrich (1984: 81-82). Segundo o linguista, as construções exprimem obrigação e obrigação incondicionada, respetivamente. No final da nossa análise, seguimos o ponto de vista de Almeida (1980) que considera as duas perífrases como variantes estilísticas.

O auxiliar *dever*, por seu turno, serve para exprimir:

1. **necessidade** (Brandão, *ibidem*; Bechara, *ibidem*; Mateus *et al.*, *ibidem*)
2. **obrigação (obrigatoriedade)** (Brandão, *ibidem*; Bechara, *ibidem*; Mateus *et al.*, *ibidem*;))
3. **dever** (Brandão, *ibidem*; Bechara, *ibidem*)
4. **probabilidade** (Mateus *et al.*, *ibidem*)

Passaremos à análise do problema em causa apresentada nos manuais e gramáticas de português língua estrangeira. Neste caso, *ter de* + *infinitivo* pode exprimir:

1. **necessidade** (Melo Rosa, 1998: 60; Lemos, 2004a: 54; Mata Coimbra, Coimbra, 2009: 92; Coimbra, Mata Coimbra, 2011: 66)
2. **obrigação (obrigatoriedade)** (Avelar *et al.*, 1993: 37; Avelar *et al.*, 1995: 184; Melo Rosa, 1998: 60; Melo Rosa, 2002: 102; Oliveira, Coelho, 2007a: 40; Oliveira, Coelho, 2007b: 112; Mata Coimbra, Coimbra, 2009; Coimbra, Mata Coimbra, *ibidem*; Tavares, 2012: 76)

E *dever* + *infinitivo*:

1. **obrigação (obrigatoriedade)** (Avelar *et al.*, 1995: 184; Mata Coimbra, Coimbra, 2001: 85; Coimbra, Mata Coimbra, *ibidem*; Tavares, *op. cit.*: 107)
2. **probabilidade / possibilidade** (Avelar *et al.*, 1993: 97; Avelar *et al.*, 1995: 184; Lemos, 2004a: 82; Lemos, 2004b: 48; Mata Coimbra, Coimbra, 2001: 85; Mata Coimbra, Coimbra, 2009: 92; Coimbra, Mata Coimbra, *ibidem*; Tavares, *ibidem*)
3. **sugestão** relativamente ao futuro (Avelar *et al.*, *op. cit.*: 34)
4. **conselho** (Tavares, *ibidem*)

A primeira observação a fazer é a de que tanto nas gramáticas (seja para estrangeiros, seja para falantes nativos) como nos manuais, as informações relativas ao problema mencionado são escassas. Isto verifica-se tanto nos estudos dos autores portugueses como brasileiros.

Falta uma análise detalhada das perífrases verbais da modalidade e dos seus valores.

A maioria dos autores enumera a perífrase *ter de + infinitivo* como meio de expressão de necessidade e obrigação e *dever + infinitivo* como meio de expressão de obrigação e probabilidade. Em muitos casos, não entram em detalhes nem explicam de que resultam os diferentes valores da perífrase (por exemplo: Lemos (2004a, 2004b); Tavares (2012)).

Noutros casos os linguistas especificam cada valor que a perífrase pode exprimir. Na *Gramática Ativa* (Coimbra, Mata Coimbra, 2011) e no manual *Português XXI* (Tavares, 2012) no caso de *dever + infinitivo* as autoras indicam que relativamente à obrigação expressa pela perífrase em causa, se trata de uma obrigação moral. Quanto a *ter de/que + infinitivo*, as autoras (Coimbra, Mata Coimbra, 2011) sublinham que a construção traduz uma forte necessidade de realizar uma ação.

É interessante que alguns autores enumerem a construção *ter de* quando analisam as formas que servem para exprimir o futuro. No manual *Aprender Português 2* (Oliveira, Coelho, 2007b: 112) e na *Gramática Aplicada. Nível Inicial e Elementar* (Oliveira, Coelho, 2007a: 40) as autoras apontam que o presente do verbo *ter + de + infinitivo* do verbo principal se usa para exprimir obrigação, independente da nossa vontade, de realizar uma ação futura. No manual *Vamos lá começar!* (Melo Rosa, 2002: 102), por seu turno, podemos ler que o verbo *ter + de + infinitivo* do verbo principal se utiliza quando queremos indicar uma ação futura de carácter obrigatório. Vale a pena sublinhar neste momento que o verbo *ter*, que desempenha na construção perifrástica a função de auxiliar, assume não somente os morfemas de pessoa e número do verbo principal, mas também de modo e tempo. Portanto, a obrigação de realizar no futuro pode ser também expressa pelo o verbo *ter* no futuro, o que não está indicado nos manuais em causa. Além disso, é impossível impor uma obrigação simultânea ao momento da enunciação (ou anterior a ele) visto que é sempre uma obrigação posterior. Portanto, pode ser expressa não apenas devido ao tempo presente ou futuro em que está conjugado o verbo *ter*, mas também pelo tempo passado (discurso indireto).

Segundo o nosso parecer, é necessário fazermos particular referência aos manuais brasileiros. Em *Passagens* (Celli, 2002) as perífrases em causa aparecem em diferentes unidades quatro vezes, mas a autora nunca explica os seus valores, indicando que se emprega *dever* + *infinitivo* nas frases tipo *deve ser difícil* e *ter que/de* + *infinitivo* para dar recomendações (ao mesmo tempo a autora sugere o uso de *dever* no mesmo contexto enunciativo). Igualmente, em outras fontes os autores não dedicam muito espaço ao assunto em causa. Em *Aprendendo Português do Brasil* (Nazaré de Carvalho Laroca *et al.*, 2003: 19) aparece somente uma referência: Ao analisar o verbo *ter* no tempo presente, os autores põem exemplos com a perífrase *ter que/de* + *infinitivo* para a contrastar com o verbo *ter* no sentido de *possuir* mas não especificam os valores que pode exprimir. Em *Fala Brasil* (Fontão do Patrocínio, Coudry, 2003) não conseguimos encontrar nenhuma informação relativamente aos valores modais expressos pelas construções perifrásticas.

Gostaríamos de sublinhar que o nosso objetivo não é fazer crítica nem das gramáticas da língua portuguesa nem dos manuais para estrangeiros. Queríamos somente apontar que a análise das perífrases *ter de* + *infinitivo* e *dever* + *infinitivo* não é muito pormenorizada nas fontes referidas e que as construções em causa devido à sua complexidade, que tentaremos seguidamente demonstrar, merecem um estudo mais detalhado.

Tendo em conta o que foi referido, podemos constatar que existem dois problemas principais no ensino e na aprendizagem das perífrases *ter de/que* + *infinitivo* e *dever* + *infinitivo*: sinonímia das duas construções (quanto à expressão de necessidade e obrigatoriedade) e polissemia da perífrase *dever* + *infinitivo*.

O primeiro problema mencionado está relacionado com os próprios conceitos de *necessidade* e de *obrigação*. Segundo as gramáticas do português *ter de/que* + *infinitivo* e *dever* + *infinitivo* exprimem tanto necessidade como obrigatoriedade. No entanto, as gramáticas e os manuais da língua portuguesa para estrangeiros indicam o uso de *dever* + *infinitivo* somente quando se trata de exprimir obrigatoriedade. Neste caso, saber distinguir a necessidade da obrigatoriedade

parece essencial para o emprego correto das duas construções. Visto que conforme o *Dicionário da Língua Portuguesa* (2009: 1111) *necessidade* é sinónimo de *obrigação* e *imposição*, podemos supor, neste contexto, a sinonímia das construções em causa.

Almeida no seu estudo dedicado às perífrases verbais portuguesas do infinitivo (Almeida, 1980: 134) estabelece uma diferença entre a *necessidade* que é de ordem natural (conceito mais primitivo da necessidade) e a *obrigatoriedade* (necessidade de ordem cultural). Portanto, considera a necessidade como um fenómeno mais amplo da natureza e a obligatoriedade como um fenómeno próprio do homem (o conceito em que entram a consciência, a vontade e a liberdade humana). O linguista, baseando-se em trabalhos de diferentes autores, apresenta na sua análise a seguinte classificação: obrigação material (necessidade física, fisiológica, de natureza material em geral), lógica (deduções do raciocínio, leis do pensamento), moral (leis sociais, costume, decoro, princípios da religião e do indivíduo, dever civil, profissional, religioso, etc.) (Almeida, 1980: 136-138). Na análise de Almeida ambas as perífrases exprimem os três tipos de obrigação (Almeida, 1980). Se seguissemos o ponto de vista de Almeida, poderíamos considerar *ter de/que + infinitivo* e *dever + infinitivo* construções sinonímicas, o que neste contexto não contradiz os resultados da nossa análise das gramáticas e dos manuais.

Passemos agora à apresentação do valor de obrigação expresso pelas duas construções. Em primeiro lugar vejamos os exemplos com *dever + infinitivo*:

1. Acho que, ao menos nisto, *devemos conservar* alguns princípios (VME: 77). ≈ Acho que, ao menos nisto, *temos a obrigação de conservar* alguns princípios.
2. O chicharro *deve ser* limpo, escamado e serrilhado, sem cabeça, e se fores um artista podes tirar a espinha pelo meio (VME: 89) ≈ *É necessário que* o chicharro *seja* limpo, escamado e serrilhado [...]
3. Há uma cidade pequena onde se vende droga barata e onde está frio, *deve haver* neve (VME: 173). ≈ Há uma cidade pequena onde se vende droga barata e onde está frio, obviamente *deve haver* neve.

Repare-se que o uso do verbo *dever* quanto à obrigação moral (1) pode corresponder ao uso da locução *ter a obrigação de*. No caso da obrigação material (2), como sublinha Almeida (1980: 138), o carácter de obrigação tem um envolvimento passivo e a perífrase equivale à locução *ser obrigado a* ou *ser necessário*. Em (3) por se tratar de obrigação lógica, é possível acrescentarmos as expressões adverbiais *obviamente*, *logicamente*, ou *naturalmente* para sublinhar o valor da perífrase. Portanto, verifica-se uma aproximação da probabilidade que se desenvolve a partir deste tipo de obrigação.

Vejam-se os os exemplos com a perífrase *ter de + infinitivo*:

4. Um bom revolucionário *tem de resistir* aos apetites (VME: 98).

5. Mas há três anos atrás *tivera de proceder* a modificações. Alargara o serviço de restaurante, no piso superior, [...] (VME: 25) mat ≈ Mas há três anos atrás *fora obrigado a proceder* a modificações.

6. Era algum, mas você sabe que um jogador de futebol *tem de amearhar* (VME: 146).

Ter de + infinitivo serve, assim como *dever + infinitivo*, à expressão de obrigação moral (4), de obrigação material (5) e de obrigação lógica (6). No caso de uma obrigação externa (5), observámos, assim como em (2), um carácter passivo e, neste contexto, a perífrase pode corresponder à locução *ser obrigado a*.

Como tentámos mostrar, existem muitas nuances quanto à expressão de obrigatoriedade que se verificam tanto no caso de *dever* como de *ter de*. No entanto, é preciso sublinharmos que nem sempre é fácil observar e diferenciar todos os matizes. Na nossa opinião a questão é muito subjetiva e frequentemente é preciso ter um contexto amplo para decidir sobre o tipo de obrigação. Contudo, queríamos destacar a importância de algumas locuções que correspondem a ambas as perífrases e que podem ser úteis e eficazes no ensino das construções em causa.

Outro problema já mencionado surge no âmbito da análise de *dever + infinitivo* e está relacionado com a polissemia da perífrase. A construção apresenta uma vasta gama de valores que podem

expressar: obrigatoriedade/necessidade, possibilidade/probabilidade e ordem. Visto que já analisámos os diferentes tipos de obrigação, passemos neste momento aos outros valores. Com este propósito, vejamos os seguintes exemplos:

7. De resto não há indicações sobre a casa. *Deve ser* um lar e não uma casa, *deve ter* livros a metro, do Círculo de Leitores, uma enciclopédia, *deve haver* fotografias dele por todo o lado e uma cama grande e larga, isso disseram-me que sim (VME: 128).

8. Uma mala da Louis Vuitton *deve custar* umas centenas de euros (FN)²

9. De resto, ela era uma boazona, vocês *devem gostar* (VME: 151).

10. Quando *devo começar?* (FN)

11. *Deves fazer* a tua cama, eu já estou farta de fazê-lo! (FN)

Quando *dever* + *infinitivo* serve para exprimir a categoria modal da possibilidade, traduz essencialmente a noção de probabilidade (7). Às vezes, à ideia de probabilidade junta-se o conceito de aproximação, especialmente no caso dos cálculos numéricos (8). A probabilidade apresenta-se às vezes de uma forma mais atenuada, com o carácter de suposição (9). No emprego pouco frequente, que depende do contexto, a perífrase pode exprimir possibilidade propriamente dita (10). No caso da expressão de ordem, trata-se de uma imposição atenuada (11).

No caso de *dever*, verificam-se os usos deônticos e os usos episémicos e dentro deles existem muitas interpretações possíveis. É impossível atribuir ao verbo modal a responsabilidade pela distinção de diferentes valores, portanto é necessário procurar outros elementos que possam influir no valor da perífrase. A variedade de fatores que podem influenciar a interpretação de verbos modais polissémicos levou muitos linguistas a estudarem as enunciações com esses verbos e a elaborarem parâmetros de interpretação. Entre as poucas propos-

² Todos os exemplos inventados por nós foram consultados por falantes nativos (FN)

tas que existem, queríamos apontar a de Costa Campos (1995) e de Neves (2000) que são a base da nossa análise que se segue. Neves (2000: 129) chama atenção ao infinitivo do verbo principal como um dos fatores da interpretação do valor de *dever* + *infinitivo*. O auxiliar *dever* combinado com o infinitivo composto exprime somente possibilidade e equivale a *é possível que*. A obrigação, por seu turno, tem de se projetar para um momento posterior ao momento da enunciação e não para o momento anterior. Veja-se o exemplo:

12. *Deve ter hesitado* antes de atender, porque tivera o pressentimento de que a noite estava fria de mais para a época do ano [...] (VME: 46) ≈ *É possível que ele tenha hesitado* antes de atender [...]

No caso da combinação de *dever* com as formas progressivas a situação é similar por existir também somente uma interpretação do valor da perífrase, a epistêmica.

13. A Rosa *deve estar a chegar* (VME: 84). ≈ *É possível que a Rosa esteja a chegar*.

Não faz sentido obrigar ninguém a realizar uma ação simultânea ao momento da enunciação, logo as interpretações ficam limitadas a *é possível que a Rosa esteja a chegar*.

No entanto, as formas e tipos de auxiliado não parecem suficientes para se poder decidir se estamos perante uma possibilidade ou obrigação de realizar uma ação. A combinação de *dever* com o mesmo verbo principal pode dar origem a várias interpretações:

14. A Teresa *deve cantar* (FN).

A frase (14) pode ter tanto uma interpretação epistêmica (*é possível que a Teresa cante*) como deontica (*é necessário que a Teresa cante*).

Portanto, alguns linguistas procuram critérios sintáticos que distingam os valores modais, entre eles, Costa Campos (1995) que se baseia na teoria de enunciação de Culioli (Costa Campos, 1995: 95) e tenta encontrar os aspetos formais que permitam diferenciar os valores que a perífrase *dever* + *infinitivo* pode exprimir. A autora

reconhece ser difícil achar uma generalização mas sublinha, acima de tudo, o papel do contexto na interpretação. Constata que o valor da perífrase muda frequentemente devido à presença de um adverbial temporal (Costa Campos, 1995: 95). Vejamos dois exemplos a este propósito:

15. O Paulo *deve estar* em casa (FN).

16. O Paulo *deve estar* em casa quando eu voltar do trabalho (FN)

O exemplo (15) é interpretável como epistémico e (16) aceita uma interpretação deôntica pela presença da localização temporal.

De forma breve e não exaustiva, tentámos mostrar que a análise de dois auxiliares de modalidade *ter de/que* e *dever* não está isenta de problemas. Ao contrário das gramáticas, por exemplo, da língua inglesa, a questão em causa é um pouco negligenciada. Os autores enumeram vários valores das perífrases, ou seja os seus potenciais significados, mas nunca explicam de que dependem. Nunca aparece, por exemplo, o contexto como um fator determinante do valor da construção perifrástica de modalidade.

No presente artigo esperámos evidenciar a necessidade de desenvolvimento de estudos dedicados às perífrases *ter de/que* e *dever* e suscitar o interesse dos investigadores didáticos e autores de manuais pelas construções mencionadas.

Bibliografia

- ALMEIDA, J. de (1980), *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*, Ilhpa-Hucitec, Assis–São Paulo.
- AVELAR, A. et al. (1993), *Lusofonia Curso Básico de Português Língua Estrangeira*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- AVELAR, A., MARQUES DIAS, H.B. (1995), *Lusofonia Curso Avançado de Português Língua Estrangeira*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- BECHARA, E. (2001), *Moderna gramática portuguesa*, Editora Lucerna, Rio de Janeiro.
- BRANDÃO, C. (1963), *Sintaxe clássica portuguesa*, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte.

- CELLI, R. (2002), *Passagens – Português do Brasil para Estrangeiros*, Pontes, Campinas.
- COIMBRA, I., MATA COIMBRA, O. (2011), *Gramática Ativa 1*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- COSTA CAMPOS, M.H. (1995), “Para uma caracterização do marcador modal *dever*”, *Actas do X Encontro da AIL*, Lisboa, pp. 93-104, [on-line] <http://www.apl.org.pt/docs/actas-10-encontro-apl-1994.pdf> – 22.11.2013.
- CUNHA, C., CINTRA, L. (1998), *Nova gramática do português contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- Dicionário da Língua Portuguesa*, Dicionários Editora, Porto Editora, Porto, 2009.
- DIETRICH, W. (1984), “As perífrases verbais de «modalidade» em português”, en: Herculano de Carvalho, J.G., Schmidt-Radefeldt, J. (orgs.) *Estudos de Linguística Portuguesa*, vol. 1, Coimbra Editora, Coimbra, pp. 59-90.
- FONTÃO DO PATROCÍNIO, E., COUDRY, P. (2007), *Fala Brasil. Português para estrangeiros*, Pontes, Campinas.
- GONÇALVES, A. (1994), “Aspectos da reestruturação sintáctica em português europeu: as construções com os verbos modais”, *Actas do IX Encontro da AIL*, Lisboa, pp. 235-250. Acessível em: <http://www.apl.org.pt/docs/actas-09-encontro-apl-1993.pdf> – 21.11.2013.
- LEMOS, H. (2004a), *Praticar Português. Nível Elementar*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- LEMOS, H. (2004b), *Praticar Português. Nível Intermédio*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- MATA COIMBRA, O., COIMBRA, I. (2001), *Português sem Fronteiras 2*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- MATA COIMBRA, O., COIMBRA, I. (2009), *Novo Português sem Fronteiras 1*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- MATEUS, M.H.M., BRITO, A.M., DUARTE, I., HUB FARIA, I. (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. (1979), *História e estrutura da língua portuguesa*, Padrão, Rio de Janeiro.
- MELO ROSA, L. (1998), *Vamos lá continuar! Explicações e Exercícios de Gramática e Vocabulário (Níveis Intermédio e Avançado)*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- MELO ROSA, L. (2002), *Vamos lá começar! Explicações e Exercícios de Gramática para o Nível Elementar*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.

- NAZARÉ DE CARVALHO LAROCA, M., BARA, N., CUNHA PEREIRA, S.M. da (2003), *Aprendendo Português do Brasil. Um curso para estrangeiros*, Pontes, Campinas.
- NEVES, M.H. de M. (2000), “Apolisemia dos verbos modais. Ou: falando de ambigüidades”, en: *Alfa*, São Paulo, pp. 115-145. Acessível em: <http://www.seer.fclar.unesp.br/alfa/issue/download/300/48> – 11.11.2013.
- OLIVEIRA, C., COELHO, L. (2007a), *Gramática Aplicada. Português Língua Estrangeira. Nível Inicial e Elementar A1, A2 e B1*, Texto Editores, Lisboa.
- OLIVEIRA, C., COELHO, L. (2007b), *Aprender Português 2, Curso Elementar de Língua Portuguesa para Estrangeiros, Nível B1*, Texto Editores, Lisboa.
- OLIVEIRA, F. (1985), “O futuro em português: alguns aspectos temporais e/ou modais”, *Actas do I Encontro da AIL*, Lisboa, pp. 353-371, [on-line] <http://www.apl.org.pt/docs/actas-01-encontro-apl-1985.pdf> – 11.11.2013.
- OLIVEIRA, F. (1990), “Modais e Condicionais”, *Actas do V Encontro da AIL*, Lisboa, pp. 145-161.
- OLIVEIRA, F. (1993), “Questões sobre Modalidade em Português”, *CADERNOS de Semântica*, 15.
- TAVARES, A. (2012), *Português XXI. Nível A1*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- VÁZQUEZ CUESTA, P., MENDES DA LUZ, M.A. (1980), *Gramática da língua portuguesa*, Edições 70, Lisboa.
- VIEGAS, F.J. (2009), *Morte no estádio*, Bertrand Editora, Ltd., Lisboa (abreviação utilizada: VME).